

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 23 de maio de 2018**

Textos de referência: L. Giussani, Por que a Igreja (São Paulo, Ed. Companhia Ilimitada 2015, pp. 291-304) e J. Carrón, Introdução dos Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2018 (Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?)

- *Amare ancora*
- *Aconteceu*

Glória

Veni Sancte Spiritus

Carrón: Sejam todos bem vindos! Começamos o nosso trabalho sobre o último trecho de *Por que a Igreja* e, sobretudo, sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade. Nas contribuições que chegaram prevalece o contragolpe que muitos de vocês experimentaram em relação ao tema da familiaridade com Cristo. É o início da aventura de conhecimento à qual Dom Giussani nos convidou. Em que consiste essa familiaridade, não como definição mas como experiência?

Colocação: *Há algum tempo tenho dentro de mim um incômodo, que ficou mais agudo depois de algumas coisas que você enfatizou durante os Exercícios. Falar de familiaridade com Cristo, para mim, sempre coincidiu com uma familiaridade com quem me transmitiu e me transmite uma humanidade diferente, com ser atraída por quem vejo que vive as coisas de todos de um modo diferente, com uma paixão diferente; desde pequena fui educada (por causa de uma positividade transmitida pela minha família e por tantos encontros feitos) a dar o nome de Jesus. No tempo, essa familiaridade passou através de rostos e formas que agora são diferentes do início. Nos Exercícios, quando você falou do valor da companhia, retomando Giussani, disse: “A nossa companhia deve descer mais a fundo, mais no fundo, dizer respeito a nós mesmos, deve dizer respeito ao nosso coração’, ela deve [...] impelir-nos a ‘um relacionamento pessoal com Ele’”. Em relação a isso – “um relacionamento pessoal com Ele” –, me parece que é preciso perceber traços que eu não consigo distinguir dos traços da companhia. Quais são os sinais que documentam que, através da familiaridade (feita de carne) que vivo com a companhia, está crescendo o meu relacionamento pessoal com Jesus? Não consigo realmente distinguir a “familiaridade com a companhia” da “familiaridade com Cristo”. Um texto ao qual você se referiu nos Exercícios, diz: “Se não tivesse personalidade a um certo ponto autônoma, [...] um rosto em última instância singular, traços inconfundíveis também naqueles que Ele mesmo criou como sinal de Si [...] me parece que não buscariam a Cristo”. Não quero perder o melhor, pode nos ajudar a aprofundar isso?*

Carrón: A primeira coisa em que devemos nos ajudar é nos darmos conta dessa questão, porque é este o desafio que está diante de nós agora. É evidente que a familiaridade com Cristo passa através dos traços da companhia, mas Dom Giussani nos ajuda a perceber que isso não é mecânico e que poderíamos ficar na aparência. Aprofundar os traços da companhia cristã nos introduz à familiaridade, mas, como vimos em tantas ocasiões no Evangelho, essa passagem não é automática: os discípulos também tinham Jesus diante deles – pensemos no episódio da barca e no dos pães que citamos nos Exercícios –, no entanto isso não determinava, por si só, um modo diferente de estarem na realidade. Evidentemente, com sua humanidade, Jesus se torna presente a nós de um modo que nos escancara a algo além. Ouçam o que diz o Evangelho de São João: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai a não ser por mim [o caminho é a carnalidade de Cristo]. Se me conhecêsseis, também certamente conheceríeis o meu Pai; desde agora já o conheceis, pois o tendes visto” (Jo 14,6-7). Tudo pareceria claro, mas um instante depois Filipe, como se não tivesse ouvido aquelas palavras, Lhe faz um pedido: “‘Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta’ [...] Há tanto tempo que estou convosco, e não me conhecestes, Filipe! Aquele que me viu, viu também o

Pai. Como, pois, dizes: ‘Mostra-nos o Pai...’. Não credes que estou no Pai, e que o Pai está em mim?’” (Jo 14,8-10). Há uma ligação evidente entre a humanidade de Cristo e o Pai. No entanto, apesar da ligação que Ele reforça – não a atenua, não a diminui –, Filipe não chega a dar-se conta daquilo a que o introduz. E por isso faz aquele pedido, que é um pouco como o seu. Jesus insiste: “As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é que realiza as suas próprias obras. [...] Estou no Pai, e o Pai em mim. Crede-o ao menos por causa destas obras” (Jo 14,10-11). Ou seja, o fato de estar diante da carnalidade de Jesus leva a ir além. Jesus quer introduzir Seus amigos a uma familiaridade com a origem de Si, que é o Pai. Os discípulos podem ficar na aparência ou entrar nessa familiaridade que os introduz num relacionamento pessoal com o Infinito. Assim como não podiam olhar para os traços de Cristo sem que remetessem ao Pai, do mesmo modo nós não podemos olhar os traços da companhia sem chegar a Cristo, àquele rosto “em última instância singular”, como você disse. É muito bonito como Dom Giussani descreve isso em um texto memorável, durante um encontro com pessoas do Grupo Adulto: “É realmente muito bonita [...] [esta] música, tanto na maneira como foi cantada, quanto no sentimento [...] de amizade e de fraternidade e de companhia em uma aventura [pode parecer que tudo se esgota nisso]. No entanto, se as coisas pudessem ser listadas assim como as listei agora e pronto, e fosse dado por óbvio algo de outro [como nos conhece bem, nos adverte: atenção!] –, aceito e reconhecido (sejamos claros!) [todos citam Jesus], mas dado por óbvio –, e Seu nome não fosse produto de uma ênfase de diálogo, de um desejo de se fazer ouvir, de um desejo de ouvi-lo; se não tivesse [uma] personalidade a um certo ponto autônoma, se não tivesse um rosto em última instância singular, traços inconfundíveis também daqueles que Ele próprio criou como sinal de si mesmo...” (*L’attrattiva Gesù*, Bur, Milão 2001, p. 148). Como se vê se isto não acontece? Como podemos verificar se paramos em um mundo de familiaridade belíssima – de cantos, de música, de amizade, de companhia – e não chegamos ao reconhecimento dessa personalidade autônoma, desse rosto “em última instância singular”? Qual é o sinal de que muitas vezes não chegamos até aí?

Colocação: *O trabalho sobre a Introdução dos Exercícios está fazendo surgir muitas perguntas sobre a familiaridade. No segundo parágrafo, você pergunta: “Quem de nós hoje disse ‘Tu’ a Cristo, com aquela familiaridade com que trata as presenças que lhe são de verdade queridas?”*

Carrón: Perfeito! Vamos parar um instante e pensar nisto: quantos de nós – aqui presentes ou conectados por vídeo – hoje disseram “Tu” a Cristo com essa familiaridade? Todos estamos aqui na companhia e durante o dia encontramos algumas pessoas, mas quantos hoje disseram-Lhe “Tu”? Identificar isto – como você fez –, nos faz começar a responder à pergunta: quais são os sinais que revelam que eu não parei na aparência? Você disse: começar a dizer “Tu” a Cristo.

Colocação: *De fato, essa pergunta abriu em mim uma ferida que sempre tento fechar. Conto um fato para me explicar melhor. Estou na universidade e algumas semanas atrás voltei para casa para ficar com meu irmão que tem dificuldades com o estudo. Naqueles dias, de fato, estava todo voltado a ficar com ele, convencido de que estudando comigo ele melhoraria. Eu o motivava com muitas frases bonitas, pensando que ajudaria. Porém, quanto mais fazia isso mais percebia que aquelas frases eram justas, eram bonitas, mas eram vazias até para mim.*

Carrón: Podemos dizer frases que, embora justas, são vazias.

Colocação: *Exato. Porém, eu mesmo tinha necessidade de ouvi-las e descobri-las verdadeiras para mim. Depois, durante um jantar em família, meu pai contou sobre os Exercícios e falou da gratidão por aquela companhia que o ajuda a viver uma familiaridade com Jesus e que se exprime também em um gesto como o Fundo Comum. Mas nos muitos gestos que são propostos, eu vejo sempre voltarem as minhas objeções. Penso numa venda pública de Passos da qual participei. Eu ficava parado no meio das pessoas só pensando nos meus preconceitos: “Por que preciso fazer isso?!”, “Para que serve?”, embora na noite anterior tivesse descoberto, junto com um grupo de amigos, a conveniência desse instrumento para mim. No dia seguinte, todo aquele trabalho foi jogado fora por causa da minha objeção, por causa da minha impressão sobre as coisas. Por que a minha objeção, a minha impressão sobre as coisas é algo errado se é o primeiro dado que surge em mim?*

Isso acontece sempre comigo, inclusive em relação à minha namorada ou aos meus amigos da comunidade. De fato, quando estou na Escola de Comunidade ou junto com a minha namorada sempre tenho um problema sobre o que dizer e o que fazer, reduzindo tudo às habituais frases justas, mas vazias. E percebo que tudo isso resulta na “desmoralização” da qual você fala, porque sou mais apaixonado por outra coisa que por Cristo. Mas se trato as pessoas queridas desse modo, se essa familiaridade não existe nem com elas, como a companhia pode me ajudar contra essa “desmoralização”, ou seja, como pode me ajudar a dizer “Tu” a Cristo?

Carrón: O que mostra aquilo que você está dizendo? Mesmo não havendo familiaridade com a companhia – como você diz –, qual é a ajuda que a companhia lhe dá? Com o quê desafia a sua “desmoralização”? Com a sua irredutibilidade! O que seus pais fizeram, conforme o que você disse? Independentemente da sua postura naquele dia, eles desafiaram você durante o jantar, tanto é verdade que você sentiu o golpe. Uma certa impressão é a primeira reverberação que provoca em você o deparar-se com a irredutibilidade de uma presença. A questão é que essa impressão deve servir para você ir mais a fundo nas coisas, não para parar nela. A impressão que surge em você não é errada, é o início que lhe faz se interessar por uma certa coisa. Como disse Dom Giussani nas premissas de *O Senso Religioso*: o sentimento lhe atrai ao objeto para suscitar o seu interesse, senão, você permaneceria indiferente. O problema nasce quando você para na aparência e não segue a impressão que quer levá-lo além. Então, como a companhia lhe ajuda? Com a sua irredutibilidade desafia suas impressões, como fez seu pai, impulsiona você a não parar na impressão, senão, perderia o melhor, como está vendo. Você se depara constantemente com uma diversidade que é cheia de limites, mas é outra de si, é diferente. É isso que desafia a “desmoralização” porque se você não encontrasse uma irredutibilidade na sua frente, a “desmoralização” venceria, prevaleceria na sua vida. Porém, com todo o nosso limite, com toda nossa fragilidade, vemos como a nossa “desmoralização” é desafiada. Basta reler a carta, citada na Introdução, daquela senhora que participou da Via Sacra: não era um gesto ao qual fosse particularmente sensível – tanto é verdade que não ia há anos –, e provavelmente não conhecia muitas das pessoas que estavam com ela em *Caravaggio*, mas o que desafiou a sua postura? A irredutibilidade de um fato, foi isso que a colocou em movimento. Então, por que a familiaridade com Cristo e a não-redução do sinal à nossa impressão são tão importantes?

Colocação: *Em relação a todos os problemas e às perguntas que você coloca, me questiono se a necessidade principal para uma real relação com Cristo, mais densa e constante possível, não seja, no fundo, a de um exercício contínuo e sincero de olhar para o próprio coração perguntando-se o que realmente deseja. Na minha experiência, a distância de Cristo é favorecida pelo fato de que no profundo de mim busco muitas outras coisas que, depois, revelam-se insuficientes; ao contrário, a proximidade com Ele volta quando tenho coragem de olhar com grande simplicidade para os meus desejos e necessidades mais profundos. Embora acreditando que seguramente é necessária essa simplicidade de coração, gostaria de entender se estou simplificando um problema maior para entrar nessa consciência.*

Carrón: Não, você não está simplificando, não está banalizando o problema; está colocando diante de todos um fator fundamental do diálogo entre você, entre seu coração e Cristo. A única questão que precisa ser entendida é que o coração, minha amiga, lhe é dado para interceptar a resposta. O coração não é a resposta, é o critério para interceptar a resposta, para o reconhecimento daquilo que corresponde à sua espera. Por isso, no texto que eu lia antes, se diz: “Se [Cristo] não é objeto pensado (memória), dito (invocação), contemplado com maravilha [...] traduzindo-se em letícia por uma presença; se os dias passam sem que se diga ‘Tu’ a não ser na repetição apressada de fórmulas [vazias, dizia a colocação anterior]” (*ivi*), tudo o que fazemos não basta. Quais são os sinais que revelam que estamos entrando nessa familiaridade? Quais são os sinais que revelam que vocês estão começando a ter familiaridade com uma pessoa? O fato de não conseguirem deixar de pensar nela (memória), de não poderem não desejá-la (invocação), de não ser possível não sentir um maravilhamento diante daquela presença, um maravilhamento “que se traduz em letícia por uma

presença”. Em uma linha, Dom Giussani descreveu uma série de sinais dessa familiaridade. Aquela senhora que participou da Via Sacra concluiu, citando o título dos Exercícios do ano passado: “O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives”. Você percebe que reconheceu verdadeiramente uma presença porque exalta o seu coração, porque fica contente pelo fato de que Ele vive, como quando alguém se apaixona e diz à pessoa amada: “Que bom que você existe! Porque se você não existisse ou eu não tivesse lhe encontrado, não poderia viver esta exaltação de mim, esta letícia. Sou feliz porque você existe”. A diferença não está nas fórmulas que usamos como palavras vazias, mas na densidade, na intensidade que a presença desperta em nós para poder dizer de um modo novo: “Sou feliz porque Tu vives”. Qual é a verificação disso? Uma pessoa pode se mudar para o exterior e encontrar um trabalho perfeito, adequado para si, excepcionalmente satisfatório, ficar entusiasmada com ele, no entanto, não basta. Não lhe basta e se dá conta de que não consegue ficar tão contente como quando estava aqui, determinada pelo reconhecimento de uma Presença. Por isso Giussani se preocupa em nos dizer: se não há um conhecimento mais intenso de Cristo, as coisas podem até ir muito bem, a pessoa pode encontrar o trabalho certo, estar entusiasmada e ser reconhecida por todos, ter uma criatividade fantástica e as pessoas “se maravilharem com sua contribuição, com seu modo de falar: as pessoas que estão ali são como o início do mundo [novo] que se dá conta dela [Giussani descreve com todos os detalhes para mostrar a grandiosidade do que acontece] [...]. Mas não é suficiente” (*ibidem*, p. 149). Nosso coração, amiga, tem uma exigência tal que quanto mais é despertado, tanto mais se dá conta de que a resposta é o que nos foi dado, não está naquilo que conseguimos fazer. E o critério para identificá-la é o coração. Como me escreve uma amiga que mora muito longe para fazer sua colocação pessoalmente: “A parte que mais me tocou e não me deixou tranquila da Introdução de sexta-feira foi esta: “‘Se tudo o que esperamos não se esgotar totalmente no que nos foi dado, no fato de que nos foi dado’, no Fato de Cristo, todas as nossas atividades [estupendas, maravilhosas, com todo o entusiasmo por isso], tudo o que fazemos ‘torna-se a espera do nosso reino’” [e não nos basta]. Como fazer para manter desperta essa atenção à iniciativa d’Aquele que me faz? Como posso perceber se estou construindo o meu reino ou o Seu?”. Como se pode ver isso? Porque, num caso, o seu fazer não lhe basta, enquanto no outro, constrói sobre uma plenitude, o que você faz nasce de uma plenitude e não do esforço de preencher o vazio que há em você, nasce de uma Presença de tal modo prodigiosa que lhe torna livre no presente.

Colocação: *Lendo a Introdução de sexta-feira à noite, fulminou-me o reconhecimento de que aquelas palavras iluminavam a minha experiência. Viver com atenção a minha experiência me fez entender aquelas palavras, em particular o ponto três, onde você cita Dom Giussani e a sua insistência, sua perseverança em nos chamar a atenção para a única coisa que pode satisfazer o coração. Lembro-me do quanto, “séculos atrás”, quando estava na universidade, essa contínua mudança do centro da atenção me aborrecia...*

Carrón: Quanto a aborrecia, entendem? Era uma irredutibilidade a si mesma que a aborrecia. Era isso que mais desafiava a sua “desmoralização”, também nesta modalidade.

Colocação: *Lembro-me de que quando fazia alguma coisa obedecendo, Giussani dizia: “Não é isso”. E eu: “Como não é isso?”. Depois, durante todos esses anos, aos poucos, estando na Igreja dentro da nossa companhia, vi crescer em minha volta, na escola com os jovens ou fazendo catecismo na paróquia, amizades muito bonitas com pessoas que aos poucos se envolveram com a nossa vida por causa do fascínio pela amizade que havia entre nós. Como a amiga que veio comigo esta noite. De algum modo, fui para eles e para meu marido apenas um sinal, uma companhia de mediação do bom Deus. Como agora me sinto responsável por mim mesma, em primeiro lugar, e por essas amigas, dou-me conta de como é verdadeira a preocupação de Dom Gius: se paramos na superfície dessa bela experiência, ela logo nos desilude, não serve mais para nós, não alcança a vida cotidiana (os filhos, a saúde, todas as lutas da vida) e torna-se um clube fechado. Mas nós não temos tempo a perder. Por isso, lhe agradeço muito por continuar insistindo sobre a única coisa necessária para viver.*

Carrón: Esta é a verdadeira companhia, que constantemente nos faz ir a fundo nas coisas, porque o desejo de Giussani é nos acompanhar no caminho. O que Giussani faz conosco? O mesmo que Jesus fazia com Seus discípulos: não desiste – “Vocês não entendem?” –. Não desiste com que objetivo? Para que não paremos na superfície das coisas, senão, cedo ou tarde ficaremos desiludidos. Por isso Giussani diz que podemos estar numa festa estupenda, maravilhosa, mas se a tomada de consciência daquilo que estamos vivendo não se torna, a um certo ponto, consciência de uma presença “em última instância singular”, iremos embora desiludidos. Porque não são as coisas que fazemos que podem nos realizar, mas somente a Sua presença. Muitas vezes, pensei: quantas pessoas, naquela situação, ou em tantas outras nas quais vivemos experiências semelhantes, sentiram a urgência de dizer o Seu nome, de não parar na beleza do que estava acontecendo? Atenção, porque Giussani não estava sendo místico, como sempre pensamos diante de certas coisas que ele dizia: “Bom, era Giussani!”. Não, não, não! Só uma pessoa apaixonada pode dizer isso. Porque se lhe convidam para uma festa da empresa no lugar mais romântico do universo (com velas, um lago, com tudo perfeitamente organizado), mas falta a sua esposa, tudo é bonito, mas sem ela é muito pouco para você. Naquela festa vocês não “devem” fazer memória da mulher; o problema é que não conseguem deixar de fazer memória dela! Pensar nela nasce de dentro da experiência que vocês fazem: quanto mais bonita é a experiência, tanto mais me dou conta de que falta ela. Por isso, é de uma experiência humaníssima como esta que nasce o anseio de Dom Giussani: que tudo seja ocasião de memória. Um homem jamais pensaria: “Como sou casado, então devo sentir saudade de minha mulher”. Se está verdadeiramente envolvido com uma presença não pode deixar de sentir a urgência de que ela esteja com ele na festa. Repito: é uma experiência humaníssima. Por isso, Dom Giussani nos diz: “Fiquemos atentos ao fato de que Jesus entre nós pode ser a origem de um mundo de humanidade, cheio de alegria e amizade, de razões formalmente irrepreensíveis e de ajuda, e também materialmente concreto, que está pronto a nos dar [...], porém Jesus poderia ser reduzido ao ‘retrato de uma bela mulher esculpido em seu monumento sepulcral’” (*ibidem*, pp. 150-151), ou seja, a algo vazio. O fato de Giussani insistir – como você nos lembrava por experiência própria – é o testemunho de qual é a verdadeira companhia que nos faz ir até o fundo, que é irreduzível a todas as nossas reduções. E isto emerge com clareza, como me escreve uma de vocês: diante de uma grande dúvida se deveria ou não ir aos Exercícios, “em um breve momento de lucidez, depois de voltar da missa, olhando para o nosso filho [o que tem a ver olhar para o filho com ir aos Exercícios?], disse a meu marido: “Por que não vamos aos Exercícios? Sei que isso significaria deixá-lo com os avós, etc, mas [prestem atenção à ligação que faz] o que realmente podemos deixar para nosso filho se não lhe transmitimos isto?”. Fiquei comovida, e meu marido também [e decidiram ir]. Perguntei-me: o que me levou (melhor: nos levou) às lágrimas? Algo que estava rasgando alguma coisa em mim: a minha medida. Ali, tive a sensação de ter me tornado mãe [foi esclarecedor!]. Qual herança, o que posso lhe dar a não ser um Bem tão grande que vai além do fato de ser uma boa mãe?”. Superou todas as dificuldades em relação a com quem deixar o filho porque entendeu que esta adesão era o que a fazia tornar-se verdadeiramente mãe. Quando nos encontramos em uma situação como esta, nos bloqueamos. Pelo amor de Deus, se for necessário ficar em casa porque não há outro jeito, renunciemos, o Mistério encontrará outro modo de nos alcançar. Mas outra coisa é usarmos as dificuldades para uma justificação. Ao contrário, quando acontece este momento de lucidez, todas as objeções se reduzem a nada e começamos a identificar uma resposta. A carta continua: “Meu dia é cheio disso: estou no trabalho e penso que deveria ir para casa, estou em casa e penso que não fiz algumas coisas no trabalho, porém, ali, ficou realmente evidente que há Alguém que me diz: ‘Não me interessa quanto você faça aqui ou ali, Eu quero você assim’, e me faz ser mais mãe do que poderia sê-lo [vemos que está crescendo uma familiaridade com Cristo pelo fato de que começamos a nos perceber de outro modo]. Depois dos Exercícios voltei para a rotina de todos os dias e as coisas continuavam as mesmas: há o trabalho, a casa, penso na casa e penso no trabalho, mas tenho certeza de que há um lugar onde posso respirar de novo porque posso encontrá-Lo. E, então, retomei Escola de Comunidade com um pouco mais

de seriedade por causa dessa intuição que muitas vezes na minha vida, volta, e que muitas vezes esquecerei, como me esqueci. Porém, por sorte, ela se mostra novamente”.

Colocação: *Fiquei muito tocado quando, na sexta-feira à noite, retomando Dom Giussani, você nos disse que o critério e a verificação para reconhecer se Cristo entrou na nossa vida, ou seja, se nos é mais familiar, é se o acontecimento de Cristo incide na minha maneira de viver, de estar diante do real, das situações e dos desafios cotidianos. Se não for assim, ou seja, se não temos essa familiaridade, enfrentamos a realidade como todos, quer dizer, a partir das impressões que as coisas suscitam em nós e, como todos, acabamos por ficar sufocados em uma vida que “quebra as pernas”. Isso me provoca muito. Neste período dramático por causa das dificuldades que meus pais estão atravessando, percebo que quando não parto de Cristo, do fato de que Ele existe e abraça tudo, e que nem mesmo uma lágrima é perdida, a angústia me toma e eu não consigo nem falar com meus pais ao telefone. Somente Cristo me torna livre de todo projeto e de toda impressão. Partir de Cristo não significa eliminar o pedido de entender o sentido das dificuldades, não me faz sentir que está tudo certo, não me torna tranquilo. Partir de Cristo significa entrar em relacionamento com Ele, recolocar n'Ele toda a necessidade de sentido que tenho, certo de não estar sozinho. Isso muda também o modo com o qual posso fazer companhia a meus pais. Dou um exemplo: outro dia, falando com minha mãe, me esforçava para encontrar elementos positivos que de algum modo dessem respiro ao dia. Depois, retomando os Exercícios, dava-me conta de que o ponto também não é este, a questão não é encontrar coisas positivas que deem uma aparente satisfação dentro da dramaticidade da vida, o ponto é ter certeza de um relacionamento, ter certeza de que Quem me dá as coisas, as dá para mim e para o meu caminho, e isto é bom e positivo, não é preciso mais nada. É o caminho que o Senhor está me dando. Esta semana, minha mulher me lembrava que quem está permitindo estas dificuldades é Aquele que há algum tempo atrás deu coisas belas a meus pais. Estou descobrindo que a familiaridade com Cristo não muda as circunstâncias, mas dá uma satisfação plena dentro da dinâmica da vida, com todas as suas aparentes contradições. Talvez me esteja sendo pedido, mais do que nunca, para lembrar minha mãe desse amor: que na vida, mesmo nas dificuldades, somos amados. Sinceramente, não sei concretamente como fazer companhia aos meus pais – sempre pensei que fossem os pais que deveriam apoiar os filhos e não o contrário –. Para mim, tudo isso é uma descoberta contínua, porque me vejo, infelizmente, ainda muito frágil, apesar de todos os milagres que vejo acontecer em minha volta. Sou grato a esta companhia que sustenta e ajuda meu olhar a permanecer fixo em Jesus.*

Carrón: Esta é a tarefa da nossa companhia. E podemos ver quando essa tarefa se realiza: quando não é assim “a angústia me toma”, porém, quando está presente “me torna livre de todo projeto”. Então “partir de Cristo significa entrar em relacionamento com Ele”, de novo; em relacionamento com Ele e com aquela presença que tem traços inconfundíveis, “em última instância singular”. “Estou descobrindo que a familiaridade com Cristo não muda as circunstâncias, mas dá uma satisfação plena dentro da dinâmica da vida”: é impossível dizer isso se a pessoa não o vive, se não faz experiência disso. Somente quando a pessoa descobre essa estrada, se vê fazendo coisas que acredita impossíveis. O que você diz me impressiona muito: você pode fazer companhia a seus pais nesse momento de dificuldade exatamente por causa do caminho que está fazendo, senão você proporia soluções que são falimentares, para você e também para os pais, para os filhos, para os colegas, para os amigos do grupo de Fraternidade. Podemos verdadeiramente nos tornar companhia uns para os outros, uma companhia que não desiste, somente se estamos em caminho, se descobrimos constantemente o que introduz na nossa vida a familiaridade com Cristo. Então a pessoa tem vontade de comunicar isso à mãe ou ao vizinho, como me escreve uma pessoa do exterior: “No mês passado, morreu um vizinho nosso, um senhor de noventa e sete anos que morava na nossa rua desde que nasceu e era uma memória histórica. Sempre nos víamos do jardim e nossas conversas sempre giravam em torno da jardinagem, ele sempre brincava conosco dizendo que nosso jardim dava pena enquanto o dele estava sempre bem cuidado e exuberante. Há cerca de um ano,

consciente de que a morte se aproximava e vendo que não conseguia mais ficar em pé, de repente, me disse: ‘Para que serve nascer se, depois, tudo o que se viveu acaba no nada, na terra?’. Naquele momento experimentei uma grande comoção e uma ternura profunda por ele, que me fizeram dizer: ‘Amigo, nada do que é belo e bom será perdido. Tudo permanece para sempre. Há uma grande festa que lhe espera no Paraíso’. Ele me olhou de modo irônico e perguntou: ‘Você realmente acredita nessa festa?’. E eu, com lágrimas nos olhos, lhe disse: ‘Tenho certeza!’. De repente, seu olhar mudou, encheu-se de uma grande nostalgia. Apoiou sua cabeça nos meus ombros e disse: ‘Então convide-me para esta festa’. Desde aquele instante, tudo o que pudemos fazer para assisti-lo nos meses difíceis que se seguiram – até ser internado num hospital – era carregado da promessa que Deus fez acontecer naquele dia no jardim. Quando morreu, com dor vi que seus parentes, que não acreditam em nada, não tinham organizado nem um funeral laico, apenas um encontro num bar para todos os que o conheciam. Então, decidi escrever-lhes uma carta onde contava a conversa que tive com ele no jardim, porque aquele fato salva tudo e todos. A irmã dele me respondeu agradecendo e disse que seu irmão sempre falava de nós e tinha guardado os desenhos de nossas filhas entre suas coisas mais queridas, até o fim. Diante de um fato como este, não posso deixar de pedir de joelhos ao Senhor que Ele use a minha vida, que a tome segundo o Seu desígnio para que todos os irmãos homens que cruzarem nosso caminho possam ser convidados para o banquete celeste que nos espera. Como para o bom ladrão: um instante de comoção diante de Cristo salva tudo, salva a mim e àqueles que encontro do nada no qual parece que a vida pode afundar”. Por trás da insistência de Giussani sobre a familiaridade com Cristo está a luta contra o nada! Não se trata apenas de se tornar um pouco mais piedosos ou devotos, entendem? O verdadeiro desafio é – parafraseando a pergunta daquele senhor –: para que serve nascer se, depois, tudo o que se vive acaba no nada? Se depois da experiência que vivemos juntos a situação muda ou a festa acaba, no dia seguinte, não resta nada? A tentação de Montale está sempre à espreita: voltar-se e ver apenas “o nada às minhas costas, o vazio detrás / de mim, com um terror de ébrio”. (“Talvez uma manhã andando em ar de vidro...”, vv 3-4, em *Ossos de Sépia*). Por isso, em que se vê se há em nós essa familiaridade com Cristo? No fato de que posso olhar com uma certeza no coração a situação mais dramática da vida, quando a pessoa começa a se aproximar da morte. Às vezes são os outros que nos fazem perceber, que nos tornam conscientes daquilo que carregamos.

Colocação: *Sou universitária e quero contar um fato que aconteceu na faculdade com uma colega de curso de quem gosto muito. Nestes três anos de universidade sempre tive um relacionamento muito bonito e livre com ela, porém, nunca verdadeiro até o fundo. De fato sempre tive dúvida se devia lhe dizer que sou católica e que participo do movimento Comunhão e Libertação, também porque ela é atea. Nestes últimos dois meses aconteceram fatos que me impressionaram e me fizeram perceber que eu não faço nada, mas é o bom Deus que age. Um dia, estávamos na faculdade para uma Assembleia e eu, sendo representante estudantil, estava falando com a coordenadora do curso sobre algumas questões que a preocupavam. Minha colega, escutando nossa conversa, reagiu dizendo: “Professora, a senhora tem sorte de ter uma aluna assim!”. A professora respondeu: “Sim, ela é inteligente, é boa, é disponível”. Então minha colega explodiu, dizendo: “É feliz, por isso a siga”.*

Carrón: “É feliz!”. Diga com ênfase, como sua colega deve ter dito! Você não fica entusiasmada contando isso? Sua amiga não deve ter falado tão tristemente, não é verdade? Vamos lá!

Colocação: *“É feliz, por isso a siga!!! Quero ser assim! Além disso ela tem muitas qualidades”. Comecei a chorar e a abracei. A partir daí, nasceu um novo relacionamento entre nós e comecei a contar quem eu era, o que o CLU significa para mim, quem são os amigos da Escola de Comunidade e como vivo o cotidiano: o estudo, a vida na república e as coisas que tenho para fazer durante o dia. Ontem as aulas terminaram e, como não nos veremos mais tanto quanto antes, ela teme que nosso relacionamento acabe, porque quer ser acompanhada em todas as perguntas que tem.*

Carrón: Estão vendo? Surge a tentação, o medo de que “nosso relacionamento acabe”.

Colocação: *Eu respondi que o bonito ainda estava para começar e que através da sua simplicidade em estar diante das perguntas era ela que, antes de tudo, estava me ajudando a ser séria comigo mesma. Ficou muito tocada, nos despedimos com um abraço e, em silêncio, ela foi para a estação. Hoje ela me escreveu contando que uma professora sua, do ensino fundamental, morreu e que sentiu necessidade de ir ao velório, dizendo que não está muito claro o motivo pelo qual foi, mas que teve vontade de fazer isso. Para mim, diante disso, fica evidente que é um Outro que opera. Estou realmente comovida pelo que o bom Deus me faz viver no cotidiano. Que superabundância!*

Carrón: Às vezes, nos faz descobrir isso através de alguém que percebe – antes e mais do que nós – toda a novidade que carregamos. Somente isso pode verdadeiramente convidar a ir até o fundo, até a origem do que o outro vê em mim e que me devolve, de outro modo não conseguiríamos encontrar uma resposta adequada para os desafios da vida.

Colocação: *Alguns dias atrás, enquanto estava na sala dos professores, um colega meu veio se despedir de mim e de outra colega dizendo que seria seu último dia na escola porque ficaria no hospital junto com sua filha que foi diagnosticada com uma leucemia e precisa de tratamento urgente. Ele ficará lá, não sua mulher, porque ela acabou de dar à luz. Estava muito tranquilo, cheio de dor, mas muito sereno, embora a situação seja difícil. Ficará pelo menos um mês no hospital com sua filha e a visita, permitida apenas algumas horas por dia, é apenas para uma pessoa. Disse que apenas tem um pouco de medo que sua mulher desabe com todas essas preocupações, mais o cuidado com as filhas. Como moramos perto, eu lhe disse: “Algumas tardes poderei levar sua filha mais velha ao parque junto com as minhas”, e a conversa terminou aí. Depois que ele foi embora, a outra colega me disse: “Este é um momento de ajuda a partir dos fatos, não de muitas palavras. Vamos preparar uma travessa de lasanha para levar ao hospital”. E era verdade, olhando para ele, era verdade que não era preciso dizer muitas palavras. Por um momento, me identifiquei com sua mulher, com as outras filhas, e a terra tremeu debaixo dos meus pés: ela tem um recém-nascido que precisa amamentar oito vezes por dia, tem outra criança em casa, e o marido está no hospital com a filha doente. Eu não conseguia mais respirar, tinha a sensação física de que um caminhão de tijolos tivesse descarregado toda a sua carga nos meus ombros. Mas aquele colega tinha chegado exatamente no momento em que estava meditando sobre a Introdução dos Exercícios e tinha acabado de sublinhar esta frase: “Jesus respondeu: ‘Para vós é impossível, mas para Deus nada é impossível’. Este é o fundamento da esperança, da possibilidade de resgate da desmoralização, de resgate da diminuição da inclinação do coração àquilo para o qual foi feito: Deus tornou-se homem, Cristo. ‘Um homem novo entrou no mundo e, com ele, um caminho novo’: o impossível tornou-se possível”. Então vi uma coisa nova: que o destino daquela menina, de sua mãe, de seu pai e de suas irmãs é bom, eles são preciosos aos Seus olhos e tenho certeza disso por tudo o que me aconteceu. Eu disse isso à minha colega, pedindo que também me ajudasse, para que nossa amizade chegue até ali, senão eu farei a travessa de lasanha, mas será outro tijolo pesando nos meus ombros, dada a minha inadequação em relação à necessidade imensa que eles são e que eu sou.*

Carrón: É a partir da necessidade que vemos nos outros e em nós que pode vir, depois de tê-Lo encontrado, a urgência de buscá-Lo, pela descoberta em nós de uma familiaridade com Cristo, senão nós também, mesmo vivendo na Igreja e estando na companhia, podemos perceber uma notícia deste tipo como um peso insuportável. Por isso, depois dos testemunhos desta noite, me veio em mente esse trecho de Dom Giussani: “Se [Jesus] viesse aqui em silêncio [...] e se sentasse em uma cadeira, próximo e [...] num determinado momento percebêssemos que está ali [...], em quantos a afeição seria verdadeiramente espontânea, embora conservando uma certa consciência de si. [...] [Ou] nos sentiríamos cobertos [...] de vergonha [...] [porque] não dissemos “Tu” [...] [seriamente]”. O que quer dizer que não Lhe dissemos “Tu”? Prestem atenção em como continua a frase de Giussani: significa “o não total naufrágio no nosso eu coletivo do seu Eu pessoal”. Está nos dizendo que nós reduzimos o Eu pessoal de Jesus, o Seu rosto inconfundível, e prevalece o nosso eu coletivo. Com frases como esta, de uma intensidade única, Giussani nos convida, através dos

desafios reais, a uma companhia real. Não é preciso diminuir em nada a carnalidade da nossa companhia, mas somente quando nos encontramos em determinadas situações, como a que ela acabou de descrever, percebemos a urgência de viver uma companhia adequada aos desafios, para poder estar diante da realidade, porque se não nos apoiamos, as circunstâncias nos esmagam. Percebemos, assim, que a companhia verdadeira, aquela que não desiste – como nos disse nossa amiga, lembrando Dom Giussani –, é para sustentar a esperança. Senão, o niilismo difundido será vencedor. Porém, não vencerá, porque na história há uma presença irreduzível: a Igreja à qual pertencemos.

Por isso, começamos esse caminho de trabalho sobre a provocação que foram os Exercícios para descobrirmos cada vez mais em nós em quem consiste a familiaridade com Cristo. Todos conhecemos a palavra, todos sabemos sua definição, mas é uma coisa bem diferente que essa familiaridade comece a ser de tal modo carnal que não possamos mais passar os dias sem dizer “Tu” a Cristo, sem buscá-Lo, sem sentirmos a Sua falta a ponto de que tudo o que nos acontece se torne uma provocação para buscá-Lo, desejá-Lo, pedi-Lo.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 20 de junho, às 21h00. Continuaremos o trabalho sobre a “Introdução” dos Exercícios da Fraternidade. O livreto dos Exercícios será anexado à *Passos* de julho. Pode ser uma ocasião para apresentar o conteúdo a outras pessoas. Difundi-lo pode ser também uma bela ajuda para muitos – pode ser os pais, o vizinho, nosso colega, nosso amigo –, que podem receber uma palavra de esperança para a própria vida, um caminho que torne possível, também para eles, uma familiaridade com Cristo, tão necessária para viver. O que nos foi dado é para todos.

Livros para o verão [europeu]. Propomos alguns livros que podem nos ajudar a viver essa familiaridade:

- *Gaudete et exultate*. Exortação Apostólica sobre o chamado à Santidade no mundo contemporâneo, do Papa Francisco.
- *La convenienza umana della fede*, de Luigi Giussani (volume 2 da coleção Bur – Cristianismo à prova, que reúne os Exercícios da Fraternidade pregados por Giussani de 1985 a 1987), estará nas livrarias a partir de 19 de junho.
- *La voce unica dell’ideale. In dialogo con i giovani*, de Julián Carrón (San Paolo). Este livreto reúne os textos de dois encontros que tive com vestibulandos, em 2010 e em 2013.
- *A sombra do Pai. História de José de Nazaré*, de Jan Dobraczynski (Cultor de Livros)
- *Fundada sobre a Rocha. Uma História da Igreja Católica*, de Louis De Wohl (Rei dos Livros). Rer ler de modo essencial as frases fundamentais da Igreja católica pode ser uma ajuda também para entender tantos dos temas que vimos e ouvimos na Escola de Comunidade.

Trabalho voluntário no Meeting de Rímíni. Reforço que este ano é pedida, de maneira particular, a participação dos adultos tanto no pré-Meeting quanto no Meeting.

Para informações, vocês podem escrever para o e-mail volontari@meetingrimini.org

Procissão de Corpus Christi. Depois da EdC que fizemos sobre os sacramentos, é mais fácil para todos compreender por que a Igreja celebra a festa de *Corpus Christi* com uma procissão pública. Quer testemunhar a todos que a própria esperança de bem se apoia sobre a Presença de Cristo dentro do sinal da hóstia, ou seja, o centro da nossa companhia, o ponto de origem da nossa companhia é uma Presença de traços inconfundíveis, “ultimamente singular”. Por isso, somos todos convidados a participar da procissão na nossa diocese.

Veni Sancte Spiritus